

HPV EM MULHERES QUILOMBOLAS: INFLUÊNCIA DO TIPO DE ACOMPANHAMENTO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA E ESPECIALIZADA

Livia Cristina Paiva¹, Antonio Helber Alves de Oliveira², Elisá Victória Silva e Silva³, Gabriel Rodrigues Coura⁴, José de Ribamar Ross⁵

¹Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: enf.liviapaiva@hotmail.com; ²Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: helberalves04@gmail.com; ³Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: elisavitoria1307@gmail.com; ⁴Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: gabrielrcora@gmail.com; ⁵Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, Maranhão, Brasil. E-mail: joseros@professor.uema.br

Eixo temático: Saúde Pública

Introdução: Em 2022, foram estimados 16.710 casos novos de câncer do colo do útero no Brasil, ocupando a terceira posição no ranking entre os cânceres femininos. O Ministério da Saúde recomenda que as mulheres que apresentam o diagnóstico positivo para o HPV realizem o acompanhamento regular por meio dos exames citopatológicos a cada 06 meses, para a detecção precoce das alterações celulares. Nos casos de lesões de alto grau ou persistência viral, o protocolo recomenda o encaminhamento à atenção especializada para colposcopia e biópsia, reforçando o papel da rede de atenção primária como porta de entrada para o rastreamento. **Objetivo:** Analisar o local de acompanhamento de mulheres quilombolas após positividade para HPV. **Metodologia:** A pesquisa é transversal e descritiva, com abordagens quantitativas, foi realizada em cinco áreas quilombolas do município de Caxias-MA: Cana Brava das Moças, Jenipapo, Lavras, Soledade e Lagoa dos Pretos/Centro da Lagoa. Também foram incluídas 41 mulheres quilombolas cadastradas pelos ACS e com laudo positivo para DNAHPV. Os dados foram coletados entre o período de 15 de janeiro e 30 de abril de 2023, por meio da aplicação de questionários aplicados nos domicílios e analisados com os softwares REDCap e SPSS. As variáveis investigadas abrangeram aspectos sociais relacionados ao acompanhamento de saúde e demográficos. Pesquisa aprovada pelo Parecer nº 2.867.682. **Resultados:** Das 41 mulheres quilombolas positivos para DNAHPV, 28 delas não realizaram os exames citopatológicos, e apenas 01 recebeu o seguimento em ambulatório especializado. Foram identificados 07 casos de genótipos de alto risco e 30 de infecções múltiplas. Das 09 mulheres com atipias citológicas, 03 apresentaram ASC-US, 02 ASC-H, 02 LSIL e 01 HSIL. Todas as alterações ocorreram em mulheres com menopausa. Em relação ao seguimento, 39 casos não atenderam às diretrizes do Ministério da Saúde, que propõe o controle com a citologia semestral. As alterações celulares menores foram detectadas em 08 casos, mas apenas 01 mulher foi encaminhada para a colposcopia. Esses resultados evidenciam as falhas na articulação entre a atenção primária e a especializada. **Conclusão:** As mulheres quilombolas que vivem com HPV, em sua maioria são negras, de baixa renda e beneficiárias de programas sociais. Elas enfrentam desafios adicionais no acesso à saúde, o que resulta na falta de acompanhamento adequado, conforme as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da saúde considerando serem portadoras do HPV. A unidade básica de saúde desempenhou um papel fundamental no rastreamento, mas se mostrou ineficiente para referenciar as demandas de casos que necessitam de colposcopia e de cuidados especializados. Esta pesquisa reforça a necessidade de uma maior integração entre os níveis de atenção para o controle efetivo do câncer do colo do útero, em especial neste grupo de mulheres invisibilizadas e excluídas.

Palavras-chave: Acompanhamento, HPV, Mulheres Quilombolas, Saúde Pública.